

Aos políticos

O erro mais fatal que já aconteceu no mundo foi a separação entre ciência política e ética.

Shelley

No que diz respeito ao trabalhador, deixo esta ideia: que o trabalhador, para livrar-se do estado de opressão em que se encontra, deve por si mesmo cessar de viver como vive na atualidade, em luta contra seu próximo por alcançar o bem pessoal, e viver segundo o princípio evangélico: *procede com os outros da mesma maneira como gostarias que procedessem para contigo.*

Este meio que proponho tem provocado, como é de esperar, os mesmos arrazoamentos, ou melhor dizendo, as mesmas acusações por parte dos homens das mais diversas opiniões.

É uma utopia, não é prático. Esperar que a prática da virtude liberte os homens que sofrem opressão e violência, equivale a condená-los à inação em vez de reconhecer os males existentes.

Quero dizer algumas palavras sobre isso porque entendo que esta ideia não é uma utopia, pelo contrário, merece que se fixe nela a atenção de tal forma que se torne preferível a qualquer outro meio proposto pelos sábios para melhorar a ordem social; tenho algo a dizer aos que francamente desejam -- não com palavras, mas com atos -- servir seu próximo.

São a estes a quem me dirijo.

1

As ideias da vida social que guiam a atividade dos homens, se modificam, e, devido a essas modificações, altera também a ordem da vida dos homens. Houve um tempo em que o ideal da vida social era a absoluta liberdade animal durante a qual alguns, segundo suas forças, no sentido próprio e figurado, devoravam outros. Em seguida veio o tempo em que o ideal social era o poderio de um único homem, em que os homens adoravam aos potentados; não apenas voluntariamente, mas também com entusiasmo se submetiam a eles: Egito, Roma, *Morituri te Salutant*. Depois os homens adotaram como ideal um estilo de vida no qual o poder era admitido, não por si mesmo, mas para regular a vida dos homens. As tentativas de realização de semelhantes ideais duraram um certo tempo: a

monarquia universal; em seguida a Igreja universal, de comum acordo guiaram vários Estados. Depois disso surgiu o ideal da representação nacional, em seguida o da República, com o sufrágio universal ou restrito. Hoje, estima-se que este ideal poderá lograr-se quando a organização for tal que os instrumentos de trabalho cessem de ser de propriedade privada e passem a ser um bem comum a todo o povo.

Qualquer que seja a diferença que esses ideais proporcionem à vida para poder realizar-se supõem sempre o poder, ou seja, a força que obriga aos homens a respeitar as leis estabelecidas. Hoje se supõe a mesma coisa. Se supõe que a realização do bem maior se conseguirá na medida que alguns (segundo a doutrina chinesa, os mais virtuosos; segundo a europeia, os eleitos pelo povo) recebam o poder, o estabeleçam e o mantenham com ordem, um poder que se eleva acima de todos, e contra os que atentem contra o trabalho, a liberdade e a vida de cada um. Não somente os homens que veem no Estado uma condição necessária da vida humana, como também os revolucionários e os socialistas, por mais que considerem o Estado atual como algo a ser mudado, reconhecem a necessidade do poder, ou seja, o direito e a possibilidade de algumas pessoas forçarem as demais a aceitarem as leis estabelecidas, como condição necessária ao bem estar da sociedade.

Foi assim durante a antiguidade e continua assim em nossos dias. Mas os homens obrigados pela força a obedecer certas ordens, nem sempre as consideram como as melhores, por isso muitas vezes se sublevam contra seus dominadores, então derrubam e substituem as antigas ordens por outras novas que, de acordo com sua convicção, garantiriam um bem maior; mas o que ocorre na prática é que tais pessoas fazem uso da autoridade mais para seu bem pessoal do que para o bem comum, de maneira que o novo poder resulta como o antigo, e com frequência ainda mais injusto.

O mesmo ocorre quando um novo poder luta contra um velho poder e o derrota. Quando o novo poder derruba o poder antigo, o poder vitorioso para se manter fortalece seus meios de defesa e coage ainda mais a liberdade de seus súditos.

Sempre foi assim, desde a antiguidade até os tempos modernos, e o mesmo sucede com firme evidencia em nosso mundo europeu durante todo o século XIX. Na primeira metade desse século as revoluções, em sua maior parte, triunfaram, mas os novos poderes que vieram substituir os antigos -- Napoleão I, Carlos X, Napoleão II -- não aumentaram a liberdade dos cidadãos; na segunda metade, depois de 1848, todas as tentativas de revolução foram suprimidas

pelos governos e, graças às antigas revoluções e às novas tentativas, os governos se defendem cada vez mais, servindo-se das invenções tecnológicas do século passado que deram aos homens um império sobre a natureza que antes não possuíam, aumentaram seu poder, e pelo fim do século passado esse poder cresceu de tal forma que a luta do povo contra ele tornou-se impossível.

Os governos tem concentrado em suas mãos não apenas enormes riquezas que roubaram dos povos, não apenas exércitos disciplinados recrutados com cuidado, mas também os meios morais de ação sobre as massas: o controle da imprensa, da religião, e principalmente, da educação. E estes meios estão tão bem organizados e são tão poderosos que desde 1848 não houve na Europa sequer uma tentativa de revolução que tivesse sido bem sucedida.

2

Este fenômeno é completamente novo e peculiar em nosso tempo. Qualquer que fosse o poder de Nero, Gengis-Kan, Carlos Magno, estes não poderiam reprimir às revoluções em seus reinos, e além disso se encontravam impossibilitados de guiar a atividade intelectual de seus súditos, sua instrução, sua educação, sua religião. Agora todos os meios estão em poder dos governos.

Não foi apenas o sistema macadame (6) que substituiu o velho empedrado das ruas de Paris que tornou impossível levantar barricadas como aquelas vistas nesta cidade durante a Revolução. Na última metade do século XIX um semelhante macadame foi adotado por todos os ramos da administração pública: a polícia pública, a espionagem, a banalidade da imprensa, as ferrovias, o telégrafo, o telefone, a fotografia, as prisões, as fortalezas, as imensas riquezas, a educação das novas gerações, e principalmente o exército, não são mais que macadamés nas mãos do governo.

Tudo está tão bem organizado que os governos mais insignificantes, os mais néscios, quase por ação reflexa, por instinto de salvaguarda, não mais se dão ao cuidado de preparar-se contra a revolução, e, sempre sem fazer nenhum esforço, esmagam as tímidas tentativas de rebelião que os revolucionários resolvem às vezes fazer, não logrando

com isso outra coisa além de aumentar ainda mais o poder dos governos.

O único meio com que na atualidade se pode vencer aos governos é este: que o exército formado por homens do povo, depois de haver compreendido a injustiça e o prejuízo que lhes causa, deixem de sustentá-lo.

Mas, sob este ponto de vista, os governos sabem que sua força principal está no exército, e têm organizado tão bem o recrutamento e a disciplina, que nenhuma propaganda feita pelo povo pode arrancar o exército das mãos do governo. Nem mesmo um único homem pertencente ao exército e que foi engolido pelo hipnotismo chamado disciplina, a despeito de toda convicção política, não pode, estando nas fileiras, subtrair-se do comando, o mesmo não pode nem mesmo abaixar a pálpebra quando lhe ameaçam o olho. E os jovens de vinte anos, recrutados para o serviço militar, são educados no espírito embusteiro, eclesiástico ou materialista, e também patriótico, não podem negar-se a servir, da mesma forma que as crianças que se enviam à escola não podem negar-se a ir. Ao prestarem o serviço militar, quaisquer que sejam as convicções desses jovens, graças à hábil disciplina elaborada durante séculos, em um ano, inevitavelmente, serão transformados em dóceis instrumentos do poder. Se surge algum caso de negativa ao serviço militar, mui raro, um a cada dez mil, este caso provém unicamente dos chamados sectários que assim procedem, com base em suas ideias religiosas, as quais o governo não reconhece. De maneira que em nosso tempo, em nosso mundo europeu, se o governo deseja conservar o poder -- e não pode deixar de desejá-lo posto que a destruição do poder seria a derrota dos governantes -- não pode organizar-se nenhuma revolução séria, e se se organizasse alguma tentativa deste gênero, em seguida seria suprimida, e não teria outra consequência a não ser a perda de muita gente e o aumento do poder do governo. Os revolucionários, os socialistas que se guiam pelas tradições, arrastados pela luta que alguns convertem em profissão, não conseguem ver isso; mas todos os homens que julgam com liberdade os acontecimentos históricos, não podem deixar de notá-lo.

Este fenômeno resulta completamente novo, e isso porque a atividade dos homens que desejam mudar a ordem existente, deve conformar-se com esta nova situação do poder existente no mundo europeu.

(6) (de Mac Adam, np) 1 Processo de pavimentação de ruas ou estradas, por meio de uma camada de brita e pó de pedra e água, assentada sobre o leito bem drenado e abaulado, e

calcada em uma massa sólida por um rolo compressor. Modernamente, usa-se argamassa líquida de cimento ou material betuminoso como aglutinante. 2 Estrada ou rua pavimentada por esse processo. 3 O material usado nesse processo.

3

A luta entre o poder e o povo dura desde muitos séculos; no princípio essa luta se caracterizou pela troca de um poder por outro, e deste por um terceiro, etc.. Desde a metade do último século, em nosso mundo europeu, o poder dos governos existentes, graças aos aperfeiçoamentos técnicos, tem se rodeado de tais meios de defesa que a luta contra ele pela força tornou-se impossível. E, na medida que o poder se torna cada vez mais forte, também revela cada vez mais sua insegurança, a contradição interior que existe entre o poder benfeitor e a violência -- pois são é a essência de todo poder -- havendo a última crescido cada vez mais. Resulta evidente que o poder -- que para ser bem feito deveria estar em mãos dos melhores homens -- se encontra sempre nas mãos dos piores, pois os melhores homens, por causa da essência do poder em si, que consiste no emprego da violência para com os demais, não podem desejá-lo, e por esta razão, não o perseguem nem nunca o conservam.

É tão evidente esta contradição que aparentemente todos os homens deveriam vê-la. Sem embargo, o solene aparato do poder, o medo que inspira, a inércia da tradição são tão poderosos que séculos, milhares de anos, transcorrerão antes que os homens compreendam seu erro. Somente nos últimos tempos se tem começado a compreender -- apesar de toda a solenidade com que o poder se acerca -- que sua essência consiste em ameaçar os homens com a privação da liberdade, da vida, e em por em prática estas ameaças; por esta causa, aqueles que como os reis, os imperadores, os ministros, os juizes e os demais que consagram toda sua vida a isto, sem outro pretexto que o desejo de se aproveitar das vantagens de suas situação, não somente não são os melhores homens, mas são sempre os piores, e, sendo-o, não podem ajudar para o bem dos homens com seu poder, pelo contrário, eles tem suscitado e sempre suscitarão uma das causas principais dos males da humanidade. Em outras épocas o poder inspirava entusiasmo e adesão por parte do povo, agora em maior ou menor grau provoca nos homens não apenas indiferença, como também muitas vezes desprezo e ódio. Esta classe de homens,

sendo os mais inteligentes, compreende hoje que todo aparato solene de que se rodeia o poder, não é outra coisa senão a camisa vermelha e a calça de pano com que se veste o verdugo, para distinguir-se dos demais prisioneiros, posto que ele se encarrega da necessidade mais imoral e mais repugnante do suplício dos homens.

E o poder, sabedor dessa nova forma de ver as coisas que se espalha cada vez mais entre o povo, na atualidade não se apoia mais na dominação espiritual sobre o sagrado e sobre a eleição; E não mais se sustem pela violência, pois perde e continua perdendo a confiança do povo. Perdendo esta confiança se vê forçado a recorrer cada vez mais à monopolização de todas as manifestações da vida do povo, e graças a isto provoca um descontentamento geral ainda maior.

4

O poder tem se convertido em algo inquebrantável, mas já não se apoia sobre a unção, a eleição, a representação ou outros princípios espirituais; enquanto o poder se mantém, o povo cessa de crer no poder e de ter respeito pelo poder, e apenas se submete a ele porque não pode fazer outra coisa.

Desde a metade do último século, desde que o poder se tornou inquebrantável e ao mesmo tempo perdeu sua justificação e prestígio no meio do povo, começou a aparecer entre os homens uma doutrina da liberdade -- Não essa liberdade fantástica que propagam os partidários da violência afirmando que o homem é obrigado sob pena de castigo, a executar ordens dos demais homens, e sim a única e verdadeira liberdade que consiste em que cada homem possa viver e proceder segundo sua própria razão; pagar ou não aos impostos, entrar ou não no serviço militar, estar ou não com boas ou más relações com os povos vizinhos -- que é verdadeira apenas quando incompatível com qualquer poder dos homens sobre os demais.

Segundo esta doutrina, o poder não é como antes se acreditava, algo divino, augusto, já não é uma condição necessária para a vida social, mas, simplesmente uma consequência da violência grosseira de uns sobre outros. Não importa na mão de quem esteja, se nas mãos de

Luis XVI ou do Comitê de Salvação Pública, do Diretório ou do Consulado, de Napoleão ou de Luis XVI, do Sultão, do Presidente, do Parlamento ou dos primeiros ministros, em todas as partes onde existe o poder de uns sobre outros, não haverá liberdade e sim opressão. Por esta causa o poder deve ser destruído.

Mas como destruí-lo? E uma vez destruído como evitar que os homens retornem ao estado selvagem de grosseira violência de uns contra os outros?

Todos os anarquistas -- como se chamam os propagadores desta doutrina -- estão completamente de acordo no que diz respeito à primeira pergunta, e dizem que o poder, para ser destruído de um modo eficaz, deve ser destruído, não pela força, e sim pela consciência que terão os homens de sua inutilidade e de seu perigo. Mas e quanto à segunda pergunta? Como deve estabelecer-se a sociedade sem poder? Aí eles respondem de diferentes maneiras.

O inglês Godwin, que viveu entre o final do século XVIII e o começo do século XIX, e o francês Proudhon que escrevia nos meados do último século (século XIX), com relação à primeira pergunta responderam que bastava destruir o poder para que os homens tivessem consciência de que o *bem geral* (Godwin) e a *justiça* (Proudhon) eram violados pelo poder e que se espalharia por entre o povo a convicção de que o *bem geral* e a *justiça* poderiam realizar-se, assim unicamente com a ausência do poder, este se destruiria por si mesmo.

Com relação à segunda pergunta de como se garantiria o bem-estar da sociedade sem o poder, Godwin e Proudhon responderam que os homens guiados pela consciência do *bem geral* (Godwin) e pela *justiça* (Proudhon) necessariamente encontrariam as formas de vida mais razoáveis, mais justas, e mais vantajosas para todos.

Outros anarquistas, como Bakunin e Kropotkin, reconhecem também a consciência como meio de destruição do poder, a consciência, entre as massas, do prejuízo que o poder causa, de suas anomalias com o progresso da humanidade; mas creem também, sem embargo, possível e até necessária a revolução, tanto que aconselham os homens para que estejam preparados. Quanto à segunda questão contestam que desde que o Estado e a propriedade sejam destruídos, os homens facilmente se acomodarão às condições razoáveis, livres e vantajosas da vida.

À pergunta sobre os meios de destruir o poder, o alemão Max Stirner e o escritor americano Tucker respondem quase a mesma coisa que os citados anteriormente. Ambos estimam que na medida em que as pessoas compreendem que o interesse pessoal de cada um é um guia suficiente e legal para os atos humanos e que o poder não faz mais que impedir a manifestação desses princípios diretores da vida humana, o poder se destruiria por si só, graças à não obediência e principalmente, como disse Tucker, à não participação na autoridade. Sua resposta à segunda pergunta, é que os homens, desembaraçando-se da crença supersticiosa sobre a necessidade do poder, não seguiriam mais que seu interesse pessoal, se agrupariam entre eles segundo as formas mais regulares e mais vantajosas para cada qual.

Todas estas doutrinas tem completa razão sobre o ponto de vista de que se o poder deve ser destruído não há de sê-lo pela força, posto que no poder permaneceria o mais poderoso, e que não pode esperar-se esse resultado a não ser iluminando a consciência dos homens, e que os homens não devem nem obedecê-lo nem participar dele. Esta verdade é indiscutível. O poder não pode ser destruído a não ser pela consciência razoável dos homens. Mas em que deve consistir essa consciência? Os anarquistas supõem que pode basear-se nas condições que dizem respeito ao bem geral, na justiça, no progresso, e no interesse geral dos homens. Mas na medida em que descobrimos que todos esses princípios não concordam entre si, percebemos que as tais definições de *bem geral*, de *justiça*, de *progresso*, de *interesse pessoal* são infinitamente variadas; por isso é difícil supor que os homens em desacordo e compreendendo de uma maneira diferente os princípios, em nome dos quais lutam contra o poder, possam destruí-lo quando este está estabelecido com enorme força e se defende com grande habilidade. Ora, a suposição de que considerações de *bem geral*, de *justiça*, da lei do *progresso* possam ser suficientes para que os homens se livrem do poder -- diante do fato de que não há nenhuma razão que impeça o sacrifício do bem pessoal ao bem geral resulta lógico que os homens se agrupem em condições equitativas que não impeçam a liberdade individual -- é uma suposição ainda menos fundamentada. Quanto ao aspecto utilitário e egoísta de Max Stirner e de Tucker, que afirma que os procedimentos de cada um segundo seu interesse pessoal estabeleceriam aproximações equitativas entre todos, não é apenas arbitrário, como contraria em absoluto à realidade passada e atual.

De maneira que, embora reconhecendo com razão a arma espiritual como único meio para a destruição do poder, a doutrina do anarquismo baseando-se em uma concepção não religiosa e

materialista do mundo, não possui esta arma espiritual e se limita a suposições, a sonhos, que possibilitam aos defensores da violência -- graças à falsidade dos meios de realização de sua doutrina -- negar suas verdadeiras bases.

Esta arma espiritual é conhecida pelos homens desde há muito tempo, sempre destruiu o poder e deu aos que a empregaram uma liberdade tão completa que ninguém pode tirar. Esta arma -- e não há outra -- é a concepção religiosa da vida na qual o homem considera sua existência terrestre como uma manifestação parcial de sua vida, ligada à vida infinita, e julga que a submissão a estas leis é mais obrigatória para ele que a obediência a qualquer das leis humanas.

Não há mais que uma concepção religiosa do mundo, unindo a todos os homens na mesma concepção da vida, incompatível com a submissão e a participação no poder, que de fato pode ser destruído.

E semelhante concepção do mundo, pode apenas dar aos homens a possibilidade, mesmo sem participar do poder, de encontrar formas razoáveis e equitativas de vida.

E, coisa assombrosa, depois de haver sido guiados pela própria vida à convicção de que o poder existente é inquebrantável e, de que em nosso tempo, não pode ser destruído mais pela força, os homens compreenderam -- finalmente -- esta verdade evidente até o ridículo, que o poder e todo o mal que ele faz não são mais que consequências de sua má vida, é por isso que é necessário que os homens pratiquem uma boa vida para destruir o poder e o mal que este provoca.

Os homens começam a compreender estas coisas, e agora é necessário que as compreendam, que não há mais que um meio de realizar bem a vida humana; professar e cumprir a doutrina religiosa acessível à maioria dos homens. E apenas quando professarem e cumprirem esta doutrina religiosa poderão alcançar o ideal que agora nasce em sua consciência e pelo qual aspiram.

Todas as demais tentativas de destruição do poder e de uma boa organização da vida dos homens sem o poder, não será mais que um inútil desperdício de forças, não acercando mas alijando a humanidade do fim para ao qual tende.

5

Tenho algo a dizer a vocês, aos homens sinceros, que não estais conformes com a vida egoísta e desejais consagrar todas vossas forças ao serviço de vossos irmãos. Se tomais parte ou desejais tomar parte, na arte de governar, e por este meio servir ao povo, reflita no que é cada governo que se sustenta pelo poder. Depois disto, não podeis deixar de ver que não há nem um único governo que não cometa ou não se prepare para cometer determinados atos, apoiando-se na violência, na pilhagem e na matança.

Um escritor americano pouco conhecido, Thoreau, em sua obra *Por quê o homem não deve obedecer ao governo?* narra como ele se nega a pagar um dólar de imposto, dando como razão que não queria, com esse dólar, participar nas obras de um governo que permite a escravidão dos negros. Os cidadãos -- não falo da Rússia, mas de países mais avançados; da América do Norte com seus atos contra Cuba, contra Filipinas, com sua conduta para com os negros e a expulsão dos chineses; da Inglaterra, com o ópio, e com os bôeres (7), ou a França com seus horrores militaristas -- não devem e não podem ter a mesma atitude com seu governo?

Ora, por que um homem sincero que deseje servir aos homens, e que seriamente se tem dado conta do que significa cada governo, tem necessariamente que basear sua atuação no princípio de que *o fim justifica os meios?*

Uma atuação semelhante sempre foi prejudicial tanto aos que a empreenderam como àqueles a quem foi dirigida.

A questão é muito simples. Ao se submeter ao governo e ao usufruir de suas leis, desejais alcançar o maior grau de liberdade possível e os maiores direitos para o povo. Mas tanto a liberdade como os direitos para o povo estão na razão inversa do poder do governo e em geral das classes dominantes. Quanto mais liberdade e direitos tiver o povo, menor será o poder e as vantagens daqueles que o governam. Os governos sabem disso e tendo o poder nas mãos, admitem voluntariamente as charlatanearias liberais de todos os tipos, e até mesmo algumas medidas liberais insignificantes que justifiquem seu poder, contendo pela ação, pela força, toda tentativa liberal que não apenas ameace as vantagens dos governos, como sua existência. De maneira que todos os esforços de servir ao povo pelo poder administrativo ou pelo parlamento, os conduzem unicamente ao

resultado de aumentar com vossa atividade o poder das classes dominantes e consciente ou inconscientemente participais dele. Há homens que até desejam servir ao povo por meio das instituições existentes.

Se vós sois dessas pessoas sinceras que querem servir ao povo por meio da atividade revolucionária socialista, sem falar da insuficiência deste fim, do bem estar material que nunca satisfaz a ninguém, reflita sobre os meios de que dispões para logr -lo. Esses meios são: primeiro, imorais, por que cont m a mentira, o engano, a violência e as matanças e; segundo, em nenhum caso alcançarão seu objetivo.

A força e a prudência dos governos que defendem sua existência, são na atualidade tão grandes que nenhuma astúcia, engano ou crueldade poderão derrubá-los e nem mesmo abal -los. Atualmente toda tentativa de revolução não resulta mais que uma nova justificação da violência dos governos e aumento de seu poderio.

Mesmo admitindo o que   impossível, que em nosso tempo a revolução seja coroada pelo êxito, porque pensar que, ao contrário de tudo o que sempre foi, o poder que destruiria o poder aumentaria a liberdade dos homens e seria mais benéfico que o que fora destruido? Segundo, se contra o bom senso e contra a experiência, fosse possível admitir que o poder que destrua o poder desse aos homens a liberdade de estabelecer as condições de vida que julgam mais úteis para eles, não há nenhum motivo para pensar que os homens que vivem uma vida egoísta estabeleceriam entre eles melhores condições que antes.

Mesmo que o rei de Dahomey d  a constituição, por mais liberal que seja, e inclusive que também efetue da nacionalização de todos os instrumentos de trabalho que, segundo os socialistas, salvar  aos homens de todos os males, alguém deverá ter o poder para vigiar que essas condições se cumpram, e que os instrumentos de trabalho não caiam sob o domínio de particulares. E como esses homens são dahomeyanos, com sua concepção do mundo, então evidentemente, de uma forma ou de outra, a violência de alguns dahomeyanos sobre os demais será a mesma que se não houvesse constituição nem nacionalização dos instrumentos de trabalho. Antes de estabelecer o estado socialista seria necessário que os dahomeyanos perdessem seu atrativo por vítimas ensanguentadas. A mesma coisa   também necessária para os europeus.

Para poderem viver uma vida comum sem oprimir-se mutuamente, não são de instituições sustentadas pela força que os homens

necessitam, e sim de um estado moral dos homens no qual por convicção interna, e não por força procedam com os demais como querem que os outros procedam para com ele. E há homens que assim o fazem. Vivem em comunidades religiosas na América do Norte, na Rússia, e no Canadá. (8) Esses homens vivem sem leis sustentadas pela força e vivem em comum sem oprimir-se uns aos outros.

Assim, a atividade razoável, própria de nosso tempo para os homens de nossa sociedade cristã é uma: a profissão e a propaganda, por palavras e por atos, da doutrina religiosa última e superior que conhecemos: a doutrina cristã, não aquela que se acomoda à ordem existente da vida, não exigindo aos homens o cumprimento de ritos exteriores ou se conformando com a fé ou o sermão, com a salvação pela redenção; e sim esse cristianismo vital cuja qualidade necessária está não apenas na não participação nos atos do governo, mas na desobediência a suas exigências, posto que estas exigências, desde os impostos até os tribunais armados são completamente contrárias ao verdadeiro cristianismo.

Sendo assim, é evidente que a atividade dos homens que desejem servir a seu próximo devem dirigir-se não à instituição de novas formas, mas à mudança e ao aperfeiçoamento de si mesmo e dos demais homens.

Os homens que procedem contra isto pensam pela regra geral, que as formas da vida e as qualidades dos humanos e as ideias que tem do mundo, podem aperfeiçoar-se simultaneamente. Mas ao pensar isso os homens cometem o erro de costume e tomam o efeito pela causa e a causa pelo efeito ou pelo fenômeno que o acompanha.

A mudança das qualidades dos homens e de seu conceito de mundo implica inevitavelmente na mudança das formas nas quais vivem os homens, enquanto que as mudanças das formas de vida não apenas não ajudam a mudar as condições dos homens e de sua concepção de mundo, como também além de não impedir dirige por um caminho falso a atenção e a atividade dos seres humanos. Mudar as formas de vida esperando por este meio mudar as qualidades dos homens e seu conceito sobre o mundo, é o mesmo que colocar de diferentes maneiras lenha verde em um fogão a lenha, com a esperança de que colocada de um determinado modo pegará fogo. Apenas a lenha seca se incendia não importa o modo como a coloque.

Este erro é tão evidente que os homens não poderiam ignorá-lo se não houvesse uma causa que lhe faz cair nesse engano. Esta causa

está em que a mudança das qualidades dos homens deve começar em si mesmos e exige muita luta e trabalho, enquanto que a mudança da forma de vida dos demais se faz com facilidade, sem trabalho interior, e tem o aspecto de uma atividade muito séria e importante.

É contra este erro, fonte do mal maior, que desejo alertá-los, a vós, aos homens que quereis servir ao próximo com vossa vida.

notas

(7) bôer: habitante da África do Sul, descendente de holandeses.

(8) Tolstoi certamente se refere às comunidades hutteritas, menonitas, quakers, anabatistas.

6

Mas não podemos viver tranquilamente professando e propagando o cristianismo quando vemos a nosso redor homens que sofrem. Queremos efetivamente servir-lhes. Estamos prontos a dedicar nosso trabalho e até nossa vida a eles, dizem os homens com uma indignação mais ou menos sincera.

Mas, porque sabeis que estais sendo chamado a servir aos homens dessa forma? Será que é porque lhes parece o mais útil e o mais eficaz? Eu responderei a essas contradições. O que dizeis mostra unicamente que já haveis decidido, que não se pode servir à humanidade pela via cristã e que gostarias de fazer algo fora da atividade política.

Mas todos os homens políticos pensam essa mesma coisa, todos se mostram agressivos, por menos razão que tenham. Seria ótimo se cada qual pudesse servir aos homens da forma que fosse de seu agrado, mas isso é impossível. Não há mais que um único meio de servir aos homens e melhorar sua situação: esse meio é professar a doutrina onde se tenha por trabalho espiritual a melhora de si mesmo. É a perfeição do verdadeiro cristão, que naturalmente vive continuamente entre os homens e não se afasta deles, consiste em estabelecer as melhores e mais cordiais relações entre ele e os demais homens. O estabelecimento de semelhantes relações entre os homens não pode resultar menos que melhorar sua situação geral,

mesmo que a forma desta melhora permaneça desconhecida para o homem.

A verdade é que servindo com a atividade governamental, parlamentar ou revolucionária, definimos de antemão os resultados que esperamos conseguir, e com eles podemos aproveitar de todas as vantagens de uma vida agradável, luxuosa, alcançar uma posição brilhante, o aplauso dos homens e a glória. E se alguma vez ocorre que os que tomam parte em semelhante atividade sofrem, então seus sofrimentos são aqueles que diante da esperança de êxito se suporta com facilidade. Na atividade militar ainda são mais prováveis os sofrimentos e a morte, e sem embargo, apenas a escolhem os homens amorais e egoístas.

Mas a atividade religiosa: 1° Não mostra os resultados esperados, 2° exige que se renuncie ao êxito exterior, e não apenas não proporciona uma posição brilhante e gloriosa; como também coloca os homens na situação mais ínfima, submetendo-os não apenas ao desprezo e à censura dos demais, como aos sofrimentos e à morte.

Assim é que em nossa época de serviço militar obrigatório, a atividade religiosa obriga a cada homem (chamado para o serviço da matança) a suportar todos os castigos que os governos impõem por negar-se ao serviço militar. Por esta causa é difícil a atividade religiosa, mas em troca, apenas ela dá ao homem a consciência da verdadeira liberdade, e a tranquilidade de que faz o que deve.

Esta atividade é a única verdadeiramente fértil e, com exceção do fim supremo espera, através dos meios naturais e mais simples, os resultados que os homens públicos esperam alcançar por meios artificiais.

De maneira que o meio de servir aos homens não é mais que um: ou seja, viver por si mesmo uma vida honrada. E este meio não apenas não é uma quimera, como pensam aqueles que é desvantajoso para eles, mas que são quimeras todos os demais meios, pelos quais os caudilhos das massas as arrastam à vida falsa, alijando-as da única vida verdadeira.

Admitamos que isto seja assim: mas quando poderá realizar-se? Os homens dizem que querem ver o mais rápido possível a realização desse ideal.

É claro que seria muito melhor se pudesse acontecer o mais rápido possível, imediatamente; mas as coisas não são assim, é preciso esperar que as sementes germinem, que surjam folhas e em seguida se transformem em árvores e assim poderemos formar o bosque.

Pode-se plantar mato e em pouco tempo se veria algo semelhante a uma selva, mas não seria mais do que um arremedo. Como fazem os governos, pode-se estabelecer uma ordem semelhante, mas não faria mais que alijar a verdadeira *ordem*. 1° Por que enganam os homens mostrando-lhes uma ordem que não existe? 2° Porque semelhante 'boa ordem' é obtida apenas pelo poder, e o poder deprava aos homens, tanto dos dominadores como os dominados, e, em consequência, torna ainda menos possível a verdadeira boa ordem.

Tanto que as tentativas de realizar o ideal com rapidez, não apenas não ajudarão sua verdadeira realização, como também a estorvam.

A pergunta acaba reduzida a esta: O ideal do homem -- a sociedade bem organizada sem a violência -- se realizará prontamente ou não? Isto depende dos que dirigem as massas e desejam francamente o bem do povo; se compreendessem logo que nada alija aos homens da realização de seu ideal do que isso, a saber, manter as antigas superstições ou a negativa de toda religião, sujeitando a atividade do povo ao serviço do governo. Quer os homens que desejam com sinceridade melhorar a sorte de seu próximo compreendam toda a vaidade dos meios próprios dos homens políticos e revolucionários para estabelecer o bem dos homens, que compreendam que o único meio de livrar aos homens de seus males, está em que os homens por si mesmos deixem de viver a vida egoísta, pagã, e comecem a viver a vida humana, cristã, e não reconheçam como agora, que seja possível e legal aproveitar-se da violência sobre o próximo, participando dela para lograr seu bem pessoal, mas, que pelo contrário, seguindo na vida a lei fundamental suprema, procedam com os outros como os outros querem que procedam com eles, etc., e sucederá que a forma irracional, cruel da vida na qual vivemos agora, se destruirá para estabelecer-se uma forma nova, própria da consciência dos homens.

Basta imaginar a enorme e formosa força espiritual que se desperdiça agora e se desperdiçou no passado para servir ao Estado e para deter a revolução; imaginar toda aquela força jovem, ardente, que se gasta nos fins revolucionários, na luta impossível contra o Estado

impulsionada por sonhos socialistas completamente irrealizáveis! E tudo isso serve não apenas para alijar, mas também para tornar impossível a realização do bem pelo qual aspiram todos os homens. Que sucederia se todos os homens que gastam suas forças tão infrutiferamente e com frequência em prejuízo do próximo, dirigissem essa mesma força em direção a esse ponto único, que possibilita a boa vida social, baseada no aperfeiçoamento interior?

Quantas vezes se poderia construir com materiais novos, sólidos, uma casa nova, se todos os esforços gastos para restaurar a velha casa fossem resolutamente empregados de boa fé na preparação dos materiais para construir a casa nova que seguramente no começo não seria tão luxuosa e cômoda para certos privilegiados como a velha, mas que indubitavelmente seria mais sólida e ofereceria todas as possibilidades da necessária perfeição não apenas para um eleito, mas para todos os homens?

De maneira que tudo o que se disse aqui se resume nesta verdade, a mais simples, indiscutível e compreensível para todos: que o reinado da boa vida entre os homens exige necessariamente que os homens sejam bons.

Há um e apenas um meio de proceder para que seja boa a vida dos homens: que estes sejam bons.

Assim, a atividade dos homens que desejam ajudar no estabelecimento da boa vida não pode estar em outro lugar senão na perfeição interior cujo cumprimento é explicado no Evangelho com estas palavras: *Sede perfeito como nosso Pai do Céu.*

Versão em espanhol, Chantal López e Omar Cortés (versão em língua portuguesa por Railton S. Guedes).